

Capítulo I

No ano passado, no dia 22 de Março à noite, aconteceu-me algo muito estranho. Tinha passado o dia todo às voltas pela cidade à procura de casa.

O apartamento onde morava era muito húmido, e eu já nessa altura estava com uma tosse que não renunciava nada de bom. Era para mudar no Outono, mas acabou por ficar para a Primavera. Durante todo o dia não consegui encontrar nada de jeito. Em primeiro lugar, queria um apartamento, não um quarto alugado numa casa de família, e em segundo, se tivesse de ser só duma sala, esta tinha de ser espaçosa, e também, é claro, o mais barato possível. Tinha notado que num apartamento acanhado até os próprios pensamentos se sentem acanhados. Ora eu, quando reflecto nos romances que hei-de escrever, gosto sempre de andar dum lado para o outro dentro do quarto. A propósito: sempre gostei mais de pensar nas minhas obras e sonhar com elas já escritas do que escrevê-las realmente e, juro, tal não é por preguiça. Mas porque será então?

Durante a manhã sentira-me já um pouco doente, mas ao fim da tarde não estava na verdade nada bem: tinha algo como um princípio de febre. Além disso, não parara um minuto em todo o dia e estava cansado. Ao fim da tarde, pouco antes do anoitecer, caminhava pela Perspectiva Voznessenski. Gosto do sol de Março em Petersburgo, sobretudo quando se está a pôr, mas tem de ser com tempo claro e frio, evidentemente. A rua brilha, inundada de luz viva. As casas parecem cintilar, o cinzento, o amarelo, o verde sujo das fachadas perdem por um instante o aspecto lúgubre; e a alma, de repente, parece abrir-se, desanuviar-se, algo nos faz vibrar ou então é só alguém que

nos empurra com o cotovelo. Um novo olhar, novas ideias... É espantoso o que um raio de sol pode fazer à alma dum homem!

Mas o raio de sol extinguiu-se, o frio aumentou e começava a picar o nariz; a noite adensou-se; a luz do gás brilhava nas lojas e nas mercearias. Ao chegar à pastelaria Müller estaquei bruscamente e pus-me a olhar para o outro lado da rua, como se pressentisse que era ali que iria acontecer-me algo de extraordinário, e foi precisamente nesse momento que, no passeio em frente, vi o velho e o cão. Lembro-me muito bem de que sentia um aperto desagradável no coração e de que não percebia que sensação era aquela.

Não sou místico; não acredito em pressentimentos nem em oráculos; no entanto, na minha vida, conheci, como talvez toda a gente, situações bastante inexplicáveis. Seja apenas, por exemplo, o caso deste velho: por que razão, quando o vi, senti logo que nessa mesma noite me aconteceria algo bastante fora do habitual? Note-se, eu estava doente; e as sensações doentias são quase sempre enganadoras.

O velho, no seu passo lento e frágil, movendo as pernas como se fossem dois paus, como se não as dobrasse, curvado, batendo levemente com a bengala nas lajes do passeio, aproximava-se da pastelaria. Nunca na minha vida encontrara figura tão estranha, tão absurda. Já antes, doutras vezes em que o vi na Müller, me causara uma impressão mórbida. A estatura, as costas curvadas, o rosto cadavérico de oitenta anos, o sobretudo velho descosido nas costuras, o chapéu redondo deformado por vinte anos de uso a cobrir-lhe a cabeça calva, sobre a qual sobrevivera, na nuca, um tufo de cabelos já nem sequer brancos mas branco-amarelados; todos os seus movimentos, que pareciam sem sentido ou finalidade, como se uma mola o impulsionasse — quem o visse pela primeira vez não podia deixar de sentir um certo pasmo. De facto, era estranho ver um ancião assim tão perto do fim dos seus dias sozinho, desacompanhado, tanto mais que parecia um demente fugido do asilo. Impressionava-me também a sua incrível magreza: o corpo quase não existia, era apenas a pele, como se lha tivessem colado sobre os ossos. Os olhos, grandes mas ausentes, implantados numa espécie de círculos azuis, olhavam sempre em frente, nunca para o lado, e nunca viam nada — disto tenho a certeza. Mesmo que nos visse, caminhava para nós como se à sua frente houvesse apenas um espaço vazio. Isto observei-o várias vezes. Começara a aparecer na Müller havia pouco, vindo não se sabe de onde e sempre com o cão. Nenhum

dos clientes da pastelaria se atrevia a entabular qualquer conversa com ele, e ele tão-pouco procurava alguém para falar.

“Porque vai a arrastar-se para a pastelaria, que pode fazer na Müller?”, pensei, parado no outro lado da rua, incapaz de deixar de o observar. Uma espécie de irritação, consequência da fadiga e da doença, apoderava-se de mim. “Que pensa?”, continuei a perguntar-me. “Que tem na cabeça? Aliás, será que ainda pensa em alguma coisa? Tem uma cara tão morta que já não exprime absolutamente nada. E onde foi buscar um cão assim tão nojento, sempre colado a ele, como se ambos formassem um todo, uma coisa indissociável, e que tanto se parece com ele?”

O infeliz cão parecia ter também uns oitenta anos; sim, devia tê-los: em primeiro lugar, parecia mais velho do que a imagem que nos habituamos a ter dum cão velho; e em segundo, por que razão, logo da primeira vez que o vi, pensei que aquele cão não podia ser como todos os outros, que era um cão fora do comum, que devia absolutamente ter qualquer coisa de fantástico, de enfeitado? Talvez fosse uma espécie de Mefistófeles com a aparência de cão e o seu destino devia estar ligado, não sei por que vias misteriosas e desconhecidas, ao destino do seu dono. Olhando para ele, teríeis imediatamente dito comigo que se tinham passado seguramente pelo menos uns vinte anos desde a última vez que comera. Era magro como um esqueleto ou (melhor ainda!) como o dono. Caíra-lhe o pêlo quase todo, mesmo o do rabo, que pendia como um pau, sempre entre as pernas. A cabeça e as orelhas compridas caíam tristemente para o chão. Nunca na minha vida vira um cão tão repugnante. Quando iam os dois pela rua — o dono à frente, o cão atrás —, o nariz do cão tocava a bainha do sobretudo do dono como se lhe estivesse colado. A maneira como andavam e todo o aspecto dos dois pareciam dizer, a cada passo:

Velhos, como somos velhos, meu Deus, como somos velhos!

Lembro-me de uma vez me ter ocorrido que o velho e o cão tinham saído duma página de Hoffmann ilustrada por Gavarni e se passeavam pelo mundo como anúncios ambulantes do livro. Atravessei a rua e entrei na pastelaria atrás do velho.

Na pastelaria, o velho comportava-se duma maneira muito estranha, e Müller, atrás do balcão, começava já ultimamente a mostrar

uma cara de desagrado ao ver entrar este cliente indesejável. Para começar, o estranho cliente nunca pedia nada. Dirigia-se imediatamente para o canto do fogão e sentava-se numa cadeira. Se o lugar junto ao fogão estava ocupado, ficava durante algum tempo parado, num estupor absurdo, à frente do cavalheiro que lhe tirara o lugar e, desconcertado, ia sentar-se no canto oposto, junto à janela. Aí, escolhia uma cadeira, sentava-se lentamente, tirava o chapéu, pousava-o no chão ao seu lado, punha a bengala ao lado do chapéu e depois, recostando-se na cadeira, permanecia imóvel durante três ou quatro horas. Nunca pegava num jornal, nunca proferia uma palavra ou um som; ficava simplesmente sentado, a olhar fixamente em frente, com os olhos muito abertos, mas tão inexpressivos e sem vida que se podia apostar que não via nem ouvia nada do que o rodeava. O cão dava duas ou três voltas no mesmo lugar e deitava-se tristemente aos pés do dono, enfiava o focinho entre as botas do velho, suspirava profundamente e, estendendo-se ao comprido no soalho, permanecia igualmente imóvel toda a noite, como se durante aquelas horas estivesse morto. Poder-se-ia imaginar que aquelas duas criaturas jaziam mortas durante o dia, sabe-se lá onde, e, quando o sol se punha, de repente reanimavam-se unicamente para ir à pastelaria Müller e cumprir lá um dever misterioso, incompreensível. Ao fim de três ou quatro horas sentado, o velho por fim levantava-se, pegava no chapéu e ia só Deus sabe para onde. O cão levantava-se também e, de rabo entre as pernas e cabeça baixa, com o mesmo passo lento de sempre, seguia-o maquinalmente. Os clientes habituais da pastelaria faziam tudo por evitar o velho e nem sequer se sentavam ao seu lado, pela repugnância que lhes provocava. Ele não se apercebia de nada.

Os clientes desta pastelaria são sobretudo alemães. Vêm de toda a Perspectiva Voznessenski encontrar-se aqui, todos eles donos de diferentes lojas: serralheiros, padeiros, tintureiros, mestres chapeleiros, correeiros, todos eles pessoas de costumes patriarcais, no sentido alemão da palavra. De uma maneira geral, na casa Müller o ambiente era patriarcal. Muitas vezes, o dono vinha sentar-se à mesa dum cliente das suas relações e, nessas ocasiões, consumia-se ponche em quantidade. Os cães e os filhos pequenos do dono vinham também às vezes para o meio dos clientes, e os clientes faziam festas tanto às crianças como aos cães. Todos se conheciam e respeitavam mutuamente. E quando os clientes mergulhavam na leitura dos jornais ale-

mães, ouvia-se do outro lado da porta, nos aposentos de Müller, um *O Du lieber Augustin* martelado num piano desafinado pela filha mais velha do patrão, uma alemãzinha de caracóis louros muito parecida com um ratinho branco. A valsa era recebida com prazer. Eu ia à Müller nos primeiros dias do mês para ler as revistas russas que ele assinava.

Quando entrei na pastelaria vi que o velho já estava sentado à janela, com o cão deitado, como das outras vezes, aos seus pés. Sentei-me em silêncio a um canto e perguntei-me mentalmente: “Porque entrei, se não tenho absolutamente nada a fazer aqui, se estou doente e seria melhor que fosse para casa quanto antes, tomar chá e meter-me na cama? Estou aqui realmente apenas para observar aquele velho?” O meu próprio comportamento começava a irritar-me. “Que tenho que ver com ele?”, perguntei-me, pensando novamente naquela sensação estranha e mórbida que tivera quando o observara ainda na rua. “E que tenho a ver com todos estes alemães enfadonhos? De onde vem este meu estado de espírito extravagante? Porquê toda esta minha inquietação barata com semelhantes trivialidades que ultimamente noto em mim e que me impede de viver, e de ver a vida com clareza, o que um crítico sagaz notou já na sua recensão indignada da minha última novela?” No entanto, embora hesitasse, e o lamentasse, continuei sentado, cada vez mais atacado pela doença, e resistia em abandonar aquela sala quente. Peguei num jornal de Frankfurt, li duas linhas e passei pelas brasas. Os alemães não me incomodavam. Liam, fumavam e só de vez em quando, de meia em meia hora, comunicavam uns aos outros, em arranques a meia-voz, uma notícia de Frankfurt ou um qualquer *Witz* ou *Scharfsinn* de Saphir¹, o célebre humorista alemão; depois do que, com redobrado orgulho nacional, mergulhavam novamente na leitura.

Cerca de meia hora depois acordei com fortes arrepios. Tinha, seriamente, de ir para casa. Mas naquele momento estava a passar-se na sala uma cena muda que me deteve mais uma vez. Disse já que o velho mal se sentava, fixava imediatamente o olhar num ponto indeterminado à sua frente e não o desviava durante toda a noite. Calhara-me já, também a mim, ser o alvo daquele olhar fixo, tenaz, estúpido e sem sentido: a sensação era das mais desagradáveis, insuportável mesmo, e eu mudava de lugar logo que podia. Desta vez, a vítima do velho era um alemão baixote, gordinho, extremamente bem-posto, de